

ENTREVISTA A ANTONIO FAUSTO NETO

Comunicação midiática

Diversificação e desafios

Comunicación mediática

Diversificación y desafíos

Media communication

Diversification and challenges

DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3485>



FOTO: UIFPB

INMEDIACIONES
289
JULIO · DICIEMBRE 2023

► ANTONIO FAUSTO NETO

afaustoneto@gmail.com - São Leopoldo - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002.5952.3880>

CÓMO CITAR: Inmediac. Comun. (2023). Entrevista a Antonio Fausto Neto. Comunicación midiática. Diversificación e desafios. *InMediaciones de la Comunicación*, 18(2), 289-292. DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3485>

Antonio Fausto Neto, presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO) e uma das principais referências no campo da comunicação brasileira, nos dá seu testemunho sobre as transformações da comunicação midiática nas últimas décadas.

Como era o campo da comunicação ou a área de pesquisa em que você trabalhava há 25 anos? Quais eram os seus temas, as formas de abordar os problemas, as perspectivas de análise e os desafios que enfrentavam naquele momento?

Há justamente 25 anos era criado o programa de pós-graduação em comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Brasil), tendo como área de concentração de estudos e de pesquisas o tema dos *processos midiáticos*. Tratava-se de uma segunda geração de programas que apontava o afastamento da área de estudos, no Brasil, das inflexões teóricas do funcionalismo, embora a centralidade de suas preocupações se voltassem ainda para estudar a mídia. Porém, estes desgravitados das teorias acionalistas com que se explicava o *modo de ser* da mídia; seu funcionamento, suas relações com a sociedade, desembarcaram na problemática dos efeitos. Não tínhamos ainda autonomia teórica, epistemológica e metodológica para estudar fenômenos midiáticos, o que significa dizer que fizemos um segundo desembarque de *motivação sociológica* para estudar a atividade da comunicação social à luz das teorias dos campos sociais, bem como das construções socioantropológicas. De alguma forma, foi um certo avanço na medida em que passamos a lidar com procedimentos qualitativos para entender, por exemplo, o *modo de ser* da televisão, o funcionamento das práticas sociais de diferentes campos (política, esporte, ciência, religião, dentre outros) à luz dos protocolos investigativos elaborados por vieses qualitativos (como os praticados pela sociologia) que procuravam outros objetos emergentes para aplicar metodologias mais de caráter estrutural.

O enviesamento ensejado pelas injunções socioantropológicas contribuiu para que os estudos sobre fenômenos comunicacionais viessem a ser permeados segundo preocupações que valorizariam aspectos qualitativos e procedimentos observacionais mais cuidadosos, inclusive alguns descritivos que aproveitariam instrumentos da etnografia e da análise do discurso. Porém, de forma mecânica, a matriz de formação de comunicólogos estava mais preparada para operar e analisar o funcionamento das práticas comunicacionais, à luz da maquinaria da ação sociofuncional, do que examinar o funcionamento das discursividades sociais, inspiradas em teorias e metodologias sociosemiológicas, ou outras, de natureza qualitativa. Estas questões não foram enfrentadas de modo tácito, se levarmos em conta pistas deixadas sobre tais desafios no corpo de reflexões desenvolvidas em programas de pós-graduação, via publicações e pesquisas. Estas sinalizavam, de alguma forma, novas problemáticas envolvendo as relações das mídias com a sociedade desta feita, configuradas pelos efeitos da midiatização sobre ambiência social, especialmente, sobre práticas sociais diversas. O avanço da atividade da pós-graduação contribuiu enormemente para diversificação dos vieses analíticos, especialmente aqueles que priorizavam procedimentos em termos de análises. Destaco, pontualmente, a fundação da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação

– COMPÓS (Brasil) que tem contribuído enormemente para a criação de outros protocolos de pesquisas, formação de quadros, experimentação de práticas de pesquisas e, principalmente, atividades de intercâmbio de pesquisadores e projetos, nos âmbitos nacionais e internacionais.

Como é esse campo agora ou a área de atuação à qual você tem dedicado seu trabalho investigativo? Que transformações ocorreram?

A midiáticação crescente manifesta-se de modo complexo na organização social, nas condições de produção do conhecimento, nas esferas de circulação e no acesso às fontes de informação, ensejando uma outra racionalidade comunicacional, de viés sociotécnico, impondo-se aos processos de interação, bem como aos protocolos tecnocomunicacional, até então, vigentes. Os *mass media* e seus fluxos perdem uma central mediacional e, conseqüentemente, deixam de ser objeto de operações estratégicas (inclusive, de interesse de estudos e de pesquisas). Realiza um outro trabalho interacional, mas subordinados à matriz de complexas relacionais, cujas dinâmicas relacionadas com a emergência dos protocolos digitais de interação, são, ao mesmo tempo, geradoras de circulação de mensagem e conseqüentes de novos protocolos de investigação. Os *mass media* ao deixarem de ser matriz central perdem a condição de objeto de estudo em evidência, e suas manifestações passam a ser observadas a partir de outros protocolos teóricos-metodológicos muitos dos quais em uma fase seminal. Desenha-se uma outra realidade em termos de *feedbacks* e de horizonte comunicacional até então referido por dispositivos de transmissão que dão lugar a uma outra matriz interacional constituída por complexas relacionais envolvendo instituições, meios e coletivos, em *feedbacks* complexos. Porém, em termos de pesquisas, corre-se o risco de um novo automatismo na medida em que novos fluxos passam a ser interpretados, segundo outras lógicas (mecânicas e/ou inferenciais), intrínsecas à racionalidade da atividade de interação imposta pelo dispositivo *sociotécnicodigital*. Esta reação pode ser colhida, pelo menos, em registros de relatos de pesquisas que, na ausência de olhares mais analíticos sobre a própria racionalidade deste modo de existência, de funcionamento e do modo de ser da técnica, permanecem numa perspectiva observacional de natureza empírica.

Como se vislumbra o futuro? Que desafios atravessam o campo da comunicação e da formação acadêmica e profissional?

Interrogações desta natureza começam a se impor aos fenômenos que apontam para o funcionamento e efeitos da midiáticação, segundo apenas o postulado dos dispositivos em produção. Não se trata de dispositivos puros desprovidos de lógicas e de intencionalidades, inclusive, no âmbito dos seus núcleos de produção. Talvez, como tendência, estejamos superando um primeiro momento de *encantamento*, cujo argumento a favor desta dinâmica

sociotécnica era situado, internamente, nas fronteiras das lógicas da sua invenção e nos efeitos da sua manifestação. Nestas condições, não se formularam interrogações sobre efeitos que levassem a alguns contornos da própria organização social.

A comunicação midiática, enquanto objeto e área de estudos, defronta-se com desafios complexos para analisar fenômenos da sua manifestação, em termos atuais: caminhar pelas referências autoexplicativas do fenômeno técnico, enquanto instância observadora de suas manifestações; formular perguntas sobre este fenômeno em transformação, amparadas em epistemologias e processos observacionais, segundo teorias da complexidade; ou, então, conduzir sem perguntas bem como observações mais profundas sobre fenômenos que atravessam a organização social. Este é um desafio que pode manter a trajetória do estudo teórico e da pesquisa da comunicação (midiática) sem perguntas e, conseqüentemente, sem objeto. Mas, pode, também, proporcionar novos desenhos na pesquisa que se faz nos ambientes institucionais, desde que estes lidarem projetos inventivos e perguntas que sensibilizem gerações em formação.

Saliento como dimensão salutar para o desenvolvimento dos estudos em comunicação, em perspectiva comparativa, avanços na cooperação regional, em termos de estudos, pesquisa e produção editorial. Além disso, destaco a constituição de sociedades científicas, grupos de investigação, de natureza temáticas; redes de pesquisa que se constituem em torno de fenômenos convergentes no contexto latino-americano. Mas, os esforços de alguns precursores devem ser acompanhados por instituições e grupos de pesquisa que estimulem o crescimento de projetos binacionais ou formas de cooperação entre vários países.

* Nota: el Comité Académico aprobó la publicación de la entrevista.



Artículo publicado en acceso abierto bajo la Licencia Creative Commons - Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Antonio Fausto Neto. Doutor em Sciences de La Communication et de L'information, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (França). Mestre em Comunicação, Universidade de Brasília (Brasil). Graduado em Jornalismo, Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil). Presidente, Centro Internacional de Semiótica e Comunicação - CISECO. Professor Titular, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidad de Vale do Rio dos Sinos (Brasil). Pesquisador 1A, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasil). Consultor ad-hoc, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil). Autor e coautor de dezenas de artigos e vários livros, incluindo: -junto com Jairo Ferreira, Ana Paula da Rosa, José Luiz Braga e Pedro Gilberto Gomes - *Between what we say and what we think: where is mediatization?* (2019, FACOS-UFMS); -junto com Mario Carlón - *La Política de los internautas* (2012, La Crujia); -junto com Eliseo Verón - *Lula Presidente: Televisão e política na campanha eleitoral* (2003, Hacker). Co-fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS (Brasil).

ENTREVISTA A OSCAR STEIMBERG

Ayer, hoy y mañana, la práctica analítica

Yesterday, today and tomorrow,
analytical practice

Ontem, hoje e amanhã, prática
analítica

DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3509>

► OSCAR STEIMBERG

steimbergoscar@gmail.com - Buenos Aires -
Universidad de Buenos Aires, Argentina.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6525-1608>

CÓMO CITAR: Inmediac. Comun. (2023). Entrevista a Oscar Steimberg. *Ayer, hoy y mañana, la práctica analítica. In Mediaciones de la Comunicación*, 18(2), 293-296. DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3509>

Autor de una obra fundamental y hacedor de una trayectoria académica que le valió el reconocimiento de la Universidad de Buenos Aires (Argentina) como “personalidad destacada”, Oscar Steimberg nos señala los lineamientos que han marcado el análisis semiótico de relatos y deja planteadas algunas pistas para atender las complejidades que muestran los desempeños comunicacionales contemporáneos.



¿Cómo era el campo de la comunicación o el área de la investigación donde trabajaba hace 25 años? ¿Cuáles eran sus temas, los modos de abordar las problemáticas, las perspectivas de análisis y los retos que se enfrentaban por entonces?

Puede considerarse que era un momento de novedad, crecimiento y diversificación en relación con el aprendizaje y la práctica de la comunicación. En principio de la propia disciplina y sus corrientes, de sus alcances y de sus límites. Entre las aplicaciones, acentuaciones y cambios del período se encontraban los nuevos momentos analíticos, junto a las nuevas producciones que dieron lugar a las insistencias del momento genérico y estilístico. Y entre los textos que se trabajaron estaban los que entonces se habían comenzado a leer y adoptar –o responder– en las comunicaciones didácticas o institucionales: entre ellas, las que circulaban en los congresos de semiótica, en los que se registraban o requerían cambios de formato y de escala para el cumplimiento de los objetivos con las nuevas determinaciones en docencia e investigación. Nuevas narrativas, relatos fragmentados, personajes ambivalentes, nuevos modos de la mediación jaqueados por el cruce de géneros o por sus hibridaciones convocadas desde experiencias en las que se ensayaba una recepción *a la carta*.

En ese marco, era especialmente importante el reconocimiento de cambios como los referidos a los usos del concepto de *género*. Y, por supuesto, del concepto de *estilo*. Y puede entenderse que no corresponde dejar de mencionarse también, aunque en mi caso no haya sido parte de estos campos específicos de trabajo, otra noción, que complementa las anteriores, como es la noción de *dispositivo* y que tendrá un desarrollo notable en las décadas posteriores para reflexionar no solo sobre las transformaciones tecnológicas sino también sobre el cuerpo y la espacialidad urbana.

Cabe señalar que se registraba algo especialmente atendible en la producción de relatos, sobre todo cuando se convocaban historias con contenido político, religioso o sociológico y esas historias convocadas se transportaban enclavadas en géneros diversos (historia social, crónica, *thriller*, telenovela) que al ensamblarse conformaban nuevos entramados. Trastocando, de este modo, las relaciones y jerarquías de las narrativas intervinientes.

¿Cómo es ahora ese campo o el área de desempeño a la que ha dedicado su tarea investigativa? ¿Cuáles transformaciones tuvieron lugar?

Puede decirse que nuestra contemporaneidad define un campo en el que se registran avances productivos o metodológicos, pero también recomienzos o reformulaciones con resultados que pueden presentarse como positivos o negativos. Lo que podría describirse también como un tiempo que reclama esas redefiniciones en tanto una instancia permanente de aprendizaje. Y es remarkable la dificultad de articulación con proyectos de progreso o crecimiento en una operatoria continuada, si se lo compara con momentos anteriores.

Podría acordarse que es central en esta contemporaneidad estilística el empleo de modos de escritura y mostración gráfica con articulación de propiedades de cambio y nuevo diseño. Lo que impulsa también la reformulación de los modos de autorreferencia actuantes en cada obra. De allí que corresponda atender a la complejización registrada en las formulaciones narrativas actuales de esas operatorias.

En los debates políticos y sociales generados a partir de las temáticas surgidas en este tiempo, cabe destacar las innovaciones posibilitadas por la amplificación de los recursos a los que se apela desde el actual decir, frecuentemente polémico y lúdico. Y esto incluye la expansión de nuevos lugares de circulación para las narrativas transpuestas, y aun para el humor. También como si se expandiera la vigencia, por ejemplo, de perspectivas que solicitan la insistencia de las sorpresas humorísticas; esos sobresaltos discursivos que facilitan tanto el acuerdo como el duelo entre conversadores.

¿Cómo se avizora el futuro? ¿Cuáles desafíos atraviesan el campo de la comunicación y la formación académica y profesional?

La visualización permanente de los desempeños comunicacionales, condicionada por la necesidad de actualización de las perspectivas analíticas y docentes, determina también la necesidad de una revisión que incluya las puestas en cuestión de una explicación totalizadora, aunque no específica en contraposición con la comprensión pormenorizada; así como de las diferencias en el quantum posible de información necesaria para el tratamiento de los temas a considerar, atendiendo a la pluralidad siempre creciente de los componentes de esa información y a los factores temporales e institucionales de su vigencia.

La asociación entre *circunstancia tecnológica y formación histórica y teórica* abre actualmente nuevas posibilidades de aplicaciones de la práctica analítica, aunque deba admitirse también la incidencia de dificultades de articulación entre formación y búsqueda, o entre aplicación y experiencia en los replanteos.

Creo que será notable también la incidencia de las producciones artísticas, sus nuevos formatos de conocimiento asentados en materialidades diversas: desde el dispositivo del cuerpo devenido en soporte hasta los espacios urbanos en tanto ofrecen escenografías privilegiadas para las performances estético-políticas de la actualidad.

* Nota: el Comité Académico aprobó la publicación de la entrevista.



Artículo publicado en acceso abierto bajo la Licencia Creative Commons - Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

IDENTIFICACIÓN DEL ENTREVISTADO

Oscar Steimberg. Profesor emérito, Universidad de Buenos Aires y Universidad Nacional de las Artes (Argentina). En 2021 la Universidad de Buenos Aires le otorgó el reconocimiento de “Personalidad destacada”. Fue uno de los fundadores y presidió la *Asociación Argentina de Semiótica* y fue vicepresidente de la Asociación Internacional de Semiótica Visual. Ha publicado ininidad de artículos académicos y sus trabajos de investigación sobre lenguajes artísticos y mediáticos han sido traducidos y publicados en diversos países. Algunos de sus libros son: *Leyendo historietas: estilos y sentidos en un “arte menor”* (1977, Ediciones Nueva Visión); *La recepción del género. Una investigación sobre los juicios de calidad acerca de los medios* (1988, UNLZ); –junto con Oscar Traversa– *Estilo de época y comunicación mediática* (1997, ATUEL); *Semiótica de los medios masivos. El pasaje a los medios de los géneros populares* (1993, ATUEL); –junto con Oscar Traversa y Marita Soto– *El volver de las imágenes. Mirar, guardar, perder* (2008, La Crujía); *Semióticas. Las semióticas de los géneros, de los estilos, de la transposición* (2013, Eterna Cadencia). En los años 70, fue parte del grupo fundador de la *Revista Lenguajes*, un proyecto editorial colectivo trascendente en el desarrollo del pensamiento semiótico argentino. Además, ha escrito relatos y libros de poesía.